



a alma faz ao passar de um modo de ser para outro”; conseqüentemente, o tempo é “não um acompanhamento da alma... mas algo que... está nela e com ela.”<sup>102</sup> Em outras palavras, para Plotino, assim como para Hegel, o tempo é gerado pela inquietude inata do espírito, seu estender-se para o futuro, seus projetos e sua negação do “estado presente.” E, em ambos os casos, o preenchimento do tempo é a eternidade, ou, em termos seculares, existencialmente falando, a mudança do espírito do querer para o pensar.

Seja como for, há muitas passagens em Hegel que indicam que sua filosofia é menos inspirada nas obras de seus predecessores, menos uma reação às opiniões deles, menos uma tentativa de “resolver” problemas de metafísica, menos livresca, enfim, do que os sistemas de quase todos os filósofos pós-antigos; não apenas os que vieram antes dele, mas também os que vieram depois. Nos tempos atuais, esta peculiaridade foi amiúde reconhecida.<sup>103</sup> Foi Hegel quem, ao construir uma história seqüencial da filosofia que correspondesse à história factual e política — algo que, antes dele, era bastante desconhecido —, rompeu realmente com a tradição, porque ele foi o primeiro grande pensador a levar a história a sério, isto é, a tomá-la como geradora de verdade.

O campo dos assuntos humanos, no qual tudo o que é veio a ser através do homem ou dos homens, nunca tinha sido levado em tanta consideração por um filósofo. E a mudança deveu-se a um acontecimento — a Revolução Francesa. A “Revolução”, admite Hegel, “pode ter tomado seu primeiro impulso com a filosofia”, mas a sua “significação histórica mundial” consiste no fato de que pela primeira vez o homem ousou virar-se de cabeça para baixo, “apoiar-se sobre a cabeça e o pensamento e construir a realidade de acordo com ele.” “Nunca, desde que o Sol se ergueu no firmamento e os planetas giraram em torno dele, se percebera que a existência do homem está centrada em sua cabeça, isto é, no pensamento... Este foi um glorioso amanhecer espiritual. Todos os seres pensantes compartilharam o júbilo dessa época..., um entusiasmo espiritual vibrou pelo mundo, como se a reconciliação entre o Divino e o Secular estivesse sendo então alcançada pela primeira vez.”<sup>104</sup> O que o acontecimento histórico da Revolução mostrou equivaler, para o homem, à aquisição a uma nova dignidade; “tornar públicas as idéias de como uma coisa deve ser feita [causará] a supressão da letargia da gente presunçosamente ponderada [*die gesetzten Leute*], que sempre aceita as coisas como elas são.”<sup>105</sup>

Hegel jamais esqueceu essa experiência dos primeiros tempos. Ainda dizia em 1829/30 aos seus alunos: “Nestes dias de reviravoltas políticas, a filosofia encontra seu lugar; é aí que o pensamento precede e molda a realidade. Pois quando uma forma do Espírito não traz mais satisfação, a filosofia presta rapidamente atenção e procura compreender o descontentamento.”<sup>106</sup> Em resumo, ele contradiz quase explicitamente seu famoso enunciado sobre a coruja de Minerva, no prefácio da *Filosofia do Direito*. O “glorioso amanhecer espiritual” de sua juventude inspirou e informou toda sua obra, do início ao fim. Na Revolução Francesa, os princípios

e pensamentos tinham sido *percebidos*; uma *reconciliação* ocorrera entre o “Divino”, com que o homem passa o tempo enquanto pensa, e o “secular”, os assuntos dos homens.

Tal reconciliação está no centro de todo o sistema hegeliano. Se fosse possível entender a *História do Mundo* — e não somente as histórias de épocas e nações particulares — como uma única sucessão de acontecimentos cujo resultado final seria o momento em que “o Reino Espiritual... se manifestasse externamente”, fosse “corporificado” na “vida secular”,<sup>107</sup> então o curso da história não seria mais acidental, e o campo dos assuntos humanos não estaria mais destituído de significado. A Revolução Francesa provara que a “verdade em sua forma viva podia mostrar-se nos assuntos do mundo.”<sup>108</sup> Poder-se-ia então considerar cada momento na seqüência histórica do mundo como um “era para ser”, e atribuir à filosofia a tarefa de “compreender este plano” desde o seu início, de sua “fonte oculta” ou “princípio nascente... no útero do tempo”, até sua “existência fenomênica presente.”<sup>109</sup> Hegel identifica esse “Reino Espiritual” com o “reino da Vontade”<sup>110</sup> porque as vontades dos homens são necessárias para trazer à tona o campo espiritual; e por esta razão afirma que “a Liberdade da Vontade *per se* [isto é, a liberdade que a Vontade necessariamente quer]... é ela mesma absoluta..., é... aquilo por meio de que o Homem se torna Homem, e é, portanto, o princípio fundamental do Espírito.”<sup>111</sup> Na verdade, a única segurança — se é que se trata de uma segurança — de que o objetivo final do desenvolvimento do Espírito do Mundo nos assuntos mundanos deve ser a Liberdade está implícita na liberdade que está implícita na Vontade.

“O *insight* a que a filosofia deve nos levar, então, é o de que o mundo real é como deveria ser.”<sup>112</sup> E uma vez que, para Hegel, a filosofia diz respeito ao “que é verdadeiro eternamente, nem o Ontem nem o Amanhã, mas o Presente enquanto tal, o ‘Agora’ no sentido de uma presença absoluta”,<sup>113</sup> uma vez que o espírito, assim como é percebido pelo ego pensante, é “o Agora enquanto tal”, a filosofia tem que apaziguar o conflito entre o ego pensante e o ego volitivo. Tem que unir as especulações sobre o tempo que fazem parte da perspectiva da Vontade e sua concentração no futuro com o Pensamento e sua perspectiva de um presente que dura.

A tentativa está longe de ser bem sucedida. Como observa Koyré nas frases que concluem seu ensaio, a noção hegeliana de um “sistema” choca-se com a primazia que Hegel confere ao futuro. Este exige que o tempo nunca termine enquanto haja o homem sobre a Terra; ao passo que a filosofia no sentido hegeliano — a coruja de Minerva que inicia seu vôo no crepúsculo — exige uma interrupção no tempo real, e não simplesmente a suspensão do tempo durante a atividade do ego pensante. Em outras palavras, a filosofia de Hegel poderia reivindicar a verdade objetiva somente sob a condição de que a história estivesse factualmente no fim, que a humanidade não tivesse mais futuro, que nada que trouxesse algo de novo pudesse ainda ocorrer. E Koyré acrescenta: “É possível que Hegel acreditasse nisso..., até mesmo que acreditasse... que essa condição essencial [para uma filosofia da